

## **Os Riscos do Coringa como Símbolo do Não-dominante<sup>1</sup>**

Laura Santos de SOUZA<sup>2</sup>

Gustavo Henrique Lima de ALCÂNTARA<sup>3</sup>

Ivan MUSSA<sup>4</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN

### **RESUMO**

O trabalho tem por objetivo levantar reflexões sobre os contextos de classe e dominação explorados no longa-metragem “Coringa” e como este simbolismo foi apropriado socialmente através do uso da máscara do palhaço em protestos ao redor do globo. Utilizaremos autores como Bourdieu e Bauman para analisar as questões de poder, Estado e hegemonia que podem ser apreendidas através do filme. Além da utilização de matérias veiculadas por jornais diversos que reportaram as manifestações a sua época.

**PALAVRAS-CHAVE:** cinema; Coringa; sociedade; Estado; relação de dominância.

### **INTRODUÇÃO**

Ao tomarmos o filme “Coringa” (direção: Todd Phillips) como objeto de nossa análise, consideramos em primeiro lugar sua repercussão a nível social e os desdobramentos que o longa-metragem foi capaz de despertar, no que diz respeito à apropriação da imagem do “palhaço” e como ela foi utilizada em movimentos de reivindicação social após a estreia da obra.

O ano de 2019 foi marcado por uma série de manifestações pelo mundo, aqui utilizaremos os exemplos das notícias trazidas sobre a América Latina e o Líbano, onde a figura mascarada surgiu em mais de um momento.

No livro “O Poder Simbólico”, Bourdieu trata das relações de hierarquia e da manutenção do poder pela classe dominante através de uma violência, nem sempre

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ04 - Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior - XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da UFRN, e-mail: laurasantosdes@gmail.com.

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 9º semestre do Curso de Audiovisual da UFRN, e-mail: guztavsky@gmail.com

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Doutor em Comunicação pela UERJ, Professor do Curso de Audiovisual da UFRN, e-mail: ivanmussa@gmail.com

---

física, mas especialmente simbólica, que gera uma constante luta de classes. No filme *Coringa*, podemos observar uma diferença de classes (a família Wayne, detentora do poder econômico e Arthur Fleck, sobrevivente de uma vida comum e sem luxos) que marca também a diferença entre aqueles que possuem acesso a serviços básicos, como um sistema de saúde que não falha. E àqueles que estão à mercê de um sistema corrompido, um Estado que os abandonou.

As diferentes classes e frações de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais. Elas podem conduzir esta luta diretamente, nos conflitos simbólicos da vida cotidiana, quer por procuração, por meio da luta travada pelos especialistas da produção simbólica (produtores a tempo inteiro) e na qual está em jogo o monopólio da violência simbólica legítima [...] (BOURDIEU, 1989. p. 11 -12).

De acordo com Bourdieu, significa pensar a realidade através da perspectiva de que o dominante continuará a manutenção de seu estado de dominação e a reforçar a crença de que este poder é legítimo dentro de sua própria classe e para as outras.

No entanto, o *Coringa* é um personagem muito mais denso, que carrega consigo, além da ausência do Estado, violências psíquicas não superadas, passadas de geração, desde a sua mãe, emocionalmente e fisicamente abusada, por consequência, esta violência o alcançou, e em determinado momento da sua vida aflorou como parte da sua personalidade. Aquele que era vítima passa a ser o próprio símbolo da violência, uma violência que não é mais resposta para quem diretamente o feriu, mas que passa a ser a única forma de vivência e existência no mundo que ele conhece, seu lugar “seguro”, onde não há temores externos. *Coringa* é a personificação de um ser subjugado que passou a ser produtor da violência que sofria.

## **A NARRATIVA DE CORINGA E A QUESTÃO DA DOMINAÇÃO**

O longa-metragem retrata a história de Arthur Fleck, um aspirante a comediante, trabalhando como palhaço, enquanto tenta construir uma carreira no *stand-up*. Além de fazer pequenos serviços de propaganda (como palhaço) nas ruas, em que segura placas de anúncio, cena que, inclusive, dá início ao filme, Arthur ainda precisa se preocupar com a saúde de Penny, a sua mãe, esta vive com ele e visivelmente é uma mulher de saúde frágil, emocionalmente e mentalmente.

---

Nosso protagonista parece herdar a fragilidade da sua mãe, o que mais adiante na história entendemos ser fruto de constantes abusos sofridos durante a sua infância pelos homens com quem ela se relacionou. Desde o começo da narrativa acompanhamos a espera de Penny em receber resposta para cartas misteriosas que ela tem enviado para um endereço, desconhecido pelo próprio Arthur, até que em uma revelação inesperada, descobrimos que o destinatário é o milionário Thomas Wayne, cuja mansão anteriormente havia sido o local de trabalho de Penny, como empregada da casa.

Thomas Wayne seria supostamente o pai de Arthur, um caso do passado, uma barreira nunca ultrapassada pela mãe e que teria sido a causa da sua série de internações e consequente colapso da loucura. Ou, em versão também possível, Penny já teria alguns surtos psicóticos e teria criado esta realidade, considerando que seu filho investiga o passado da mãe e colhe documentos no hospital que provam a loucura de sua mãe, o registro de adoção da criança e uma série de provas que atestam a ideia de que tudo era apenas uma invenção de Penny. No entanto, neste caso, iremos utilizar a primeira versão, em que Wayne é realmente o pai de Arthur e utilizando de seu domínio econômico, articulou provas para que Penny fosse desacreditada, já que não seria tão difícil ridicularizar a palavra de uma empregada doméstica, sem nenhuma rede de contatos importantes contra a palavra de um multimilionário capaz de criar e pagar pessoas para sustentar seu argumento. Na análise, levando estes aspectos da narrativa em consideração, é importante ressaltar quais serão os pontos-chaves na abordagem teórica sobre as questões de classe e hierarquia. A divisão, entre quem detém o poder e quem está subordinado, faz a diferença neste embate e o capital é uma das fontes determinantes para a sua diferenciação, como explicita Bourdieu: “A classe dominante é o lugar de uma luta pela hierarquia dos princípios de hierarquização: as frações dominantes, cujo poder assenta no capital econômico, têm em vista impor a legitimidade da sua dominação”. (BOURDIEU, 1989, p. 12).

Dando prosseguimento à narrativa, um dos seus colegas de trabalho, agindo aparentemente como um amigo, o vende uma arma, a posse o faz sentir poderoso, até que o encanto é quebrado e Arthur acaba deixando a arma escapar de seu corpo enquanto estava em um hospital infantil, em uma de suas apresentações de palhaço. O

---

evento o prejudica no trabalho, não bastando este acontecimento, a mesma arma será usada na cena descrita a seguir, uma das mais sangrentas do longa-metragem.

O grande momento em que as coisas realmente ganham um escopo diferente é a cena em que, para defender uma mulher sendo assediada por três homens no metrô, Arthur acaba se envolvendo em uma briga. Esta é a cena que dá origem ao primeiro assassinato cometido pelo personagem principal, que mostra que a violência que toma conta dele virou uma espécie de prazer, como símbolo de combate direto ao sistema corrompido que o fez adoecer. É o momento em que a violência vira a única solidez de sua vida.

Além da rejeição deste suposto pai, da insanidade de sua mãe, de um chefe que constantemente o humilha, de colegas que o ridicularizam, Arthur ainda precisa lidar com a ausência do suporte que deveria ser dado pelo Estado, o Centro em que ele buscava a sua medicação e fazia acompanhamento terapêutico o abandonou, sendo o golpe final para que a sanidade que ainda o restava implodisse.

Não bastando estes fatores, Arthur ainda se depara com o péssimo “pai” profissional que escolheu para si, Murray Franklin, comediante de sucesso e apresentador de um *talk show* americano, idolatrado pelo Coringa. Homem que na primeira oportunidade diminuiu moralmente a imagem de Arthur e ainda o convidou para ser entrevistado em seu programa.

A cena quase final, em que Arthur está no palco com Franklin e faz seu grande discurso já mostra um protagonista que abraçou a sua maldade e encontrou nela a única válvula de escape dentro de uma sociedade que o rejeitou. O assassinato de seu “segundo pai”, o discurso e as manifestações que se seguem nas ruas são o motor dos excluídos que assim como Arthur foram engavetados pela sociedade. Embora o próprio Coringa diga que ele não tinha intenções políticas, não era mais possível dissociá-lo da projeção que toda a sua vida exposta criou. Na realidade, sua nova condição não mais o fazia sentir vítima, a aclamação popular o trouxe a sensação de poder, a falsa ideia de um novo reinado. Onde agora os subjugados haviam alcançado o topo.

## MANIFESTAÇÕES AO REDOR DO MUNDO



EXCLUSIVO PARA ASSINANTES

### Coringa vira símbolo de mudanças sociais em protestos pelo mundo

Sucesso do filme estrelado por Joaquin Phoenix começa a se refletir em manifestações contra governos

Fabiano Ristow e Jan Niklas  
09/11/2019 - 04:30

Libanesa se caracteriza como Coringa durante protesto em Beirute Foto: PATRICK BAZ / AFP

Figura 1



### Manifestantes no Líbano usam maquiagem do Coringa para protestar contra governo

Imagens compartilhadas nas redes sociais mostram a presença da pintura facial em várias ocasiões dos protestos

REDAÇÃO PUBLICADO EM 22/10/2019, ÀS 13H34

Joaquin Phoenix como Coringa (Foto: Reprodução/Warner Bros.)

Manifestantes na cidade de Beirute decidiram usar a maquiagem da mais nova representação do Coringa como símbolo do protesto que tem acontecido na capital do Líbano, contra o atual governo do país.

Figura 2

## Coringa sai da tela para as ruas em protestos pela América Latina

Jovens usam máscaras do personagem na Argentina, no Chile e no Equador



Sylvia Colombo

**BUENOS AIRES** O Coringa anda preocupado com os problemas da América Latina. Participou das eleições na Argentina e também foi visto [nos protestos no Chile](#) e no Equador —pelo menos de maneira alegórica.

Sua última aparição foi num centro de votação na Grande Buenos Aires, em Lanús, [no último domingo \(20\), na eleição argentina](#).

Figura 3

As imagens são, em ordem, matérias publicadas pelo jornal O Globo, pela Rolling Stones (através do Portal UOL) e pela Folha de São Paulo. Todas sinalizam para um movimento abrangente, ou seja, não apenas local, de pessoas que acreditam no Coringa como símbolo de suas indignações. Isto implica pensar nos possíveis significados apreendidos, que podem ir além do que provavelmente os envolvidos esperassem expor, no caso de retratar apenas indignação social. Não há como separar uma parte e descartar a grande totalidade de imagens possíveis de se extrair deste símbolo, nem de limitar sua representação a um único estado momentâneo, sem considerar todas as facetas desta escolha.

Bauman defende que todas as sociedades produzem estranhos. Os que não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo. O Coringa seria uma espécie desse estranho, desse ser humano que ameaça o bem-estar social e difere do esperado. No entanto, ele é a própria criação e reflexo desta sociedade:

Todo tipo de ordem social produz determinadas fantasias dos perigos que lhe ameaçam a identidade. Cada sociedade, porém, gera fantasias elaboradas segundo sua própria medida – segundo a medida do tipo de ordem social que se esforça em ser. De um modo geral, tais fantasias tendem a ser imagens

---

espelhadas da sociedade que as gera, enquanto a imagem da ameaça tende a ser um auto-retrato da sociedade com um sinal negativo. (BAUMAN, 1988, p. 52).

A utilização deste estranho como símbolo de uma luta de classes é a identificação do oprimido com a ideia de que este auto-retrato é uma imagem do que a classe representa. Porém, ignora o fato de que estes mesmos estranhos são criados por uma hegemonia, fruto das relações de dominação, um distanciamento evidente da humanização entre as classes, divisão entre sanidade e loucura. O problema deste cenário está no fato dos oprimidos aceitarem o papel violento e fatalista que lhes é imposto através desta máscara. O grande ponto da questão não é apenas a perpetuação da ideia de que oprimidos são, por natureza, violentos e se contentam em agarrar esta violência, mas justamente no fato de que ele (Coringa) não representa a classe oprimida, representa ainda mais a opressora, pois é criação desta. Se o recado consiste em dizer “tenham medo do que nós podemos nos tornar”, não é de fato um recado preciso pois já é exatamente o que se sabe que pode ser criado em um mundo onde há o desprezo pelos que pouco tem, economicamente, e estão à margem socialmente. E tampouco é um recado eficiente se reafirma “é isto que nós somos”, pois só retira a violência de quem realmente a pratica e desloca para os que em verdade são suas vítimas.

Reconhecer a amplitude do risco de uma apropriação como esta não é uma forma de calar as manifestações e impedi-las de acontecer, é repensar até que ponto a concretude dos objetivos é alcançada ou até que ponto é apenas reforçado da ideia do que já se espera dos oprimidos: violência.

Quando escreve sobre o mito do Superman, Umberto Eco trata do imaginário e das identificações que fazemos a partir das nossas concepções enquanto coletivo. O Superman só é um mito porque pode se encaixar na vida cotidiana, está aparentemente ligado às nossas mesmas condições de vida. Embora não seja imortal, paralelamente o que o consome são os modos da existência humana, comum a todos os outros, ele é identificável.

Mas numa sociedade particularmente nivelada, onde as perturbações psicológicas, as frustrações, os complexos de inferioridade estão na ordem do dia; numa sociedade industrial onde o homem se torna número no âmbito de uma organização que decide por ele, onde a força individual se não exercitada na atividade esportiva permanece humilhada diante da força da máquina que age pelo homem e determina os movimentos mesmos do homem - numa sociedade

---

de tal tipo, o herói positivo deve encarnar, além de todo pensável, as exigências que o cidadão comum nutre e não pode satisfazer. (ECO, 1993, p. 246-247).

A mudança que ocorre neste caso, é apenas de parâmetro, a identificação não acontece por causa de um padrão positivo ou desejável, mas se dá justamente no nível dos problemas identificáveis, embora da mesma maneira ocupe o âmbito das exigências do que não se pode satisfazer.

Arthur é uma face da violência gerada pelo papel dos dominantes, ou a ausência da empatia, frente os dominados. É o que de pior pode acontecer aos que são escanteados pelo Estado, mas não é a “imagem mãe” destes. Se Thomas Wayne, que representa o ápice da riqueza, exercer alguma bondade ou generosidade, por exemplo, não apagará o fato de que ele é um dos responsáveis pelo que o Coringa se tornou (reforço aqui novamente a ideia de que este artigo se baseia na possibilidade de Thomas Wayne ter se beneficiado do poder para esconder seus escândalos pessoais). Qualquer juízo de bondade que possamos fazer é falso, pois toma crédito em um mal criado, em parte, por ele mesmo. Não há generosidade real quando ela existe advinda de um caos que foi criado por quem, justamente, a está exercendo falsamente. Como é tratado o tema por Paulo Freire, em seu trabalho “Pedagogia do Oprimido”.

Não se trata de banir ou não qualquer simbolismo, mas de entender se ele se aplica ou se o risco de passar a mensagem exatamente oposta ao pretendido é mais forte. “Arthurs Flecks” precisam ser ouvidos antes de que aceitem a condição de Coringa. Precisam ser assistidos antes de que sangue e poder virem sua libertação. Do contrário ocorre apenas uma troca de posições, sem uma ascensão de classes, dominados continuarão sendo dominados. Fleck é a violência escancarada, que em Wayne já foi institucionalizada e naturalizada. Aos olhos a primeira é pior, por ser mais crua, mais evidente, mas é reflexo do que já existia antes dele, do motor que impulsionou a sua criação, do próprio Wayne e o que ele representa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por vezes, observamos que a indignação é uma mola geradora de mudanças, no entanto, o tipo de mudança que ocorre nascida desse sentimento é, em alguns momentos, uma aproximação ao que estamos tentando modificar. Não é a separação que

---

torna uma sociedade mais justa e honesta. Nem o reconhecimento de qual classe devemos nos encaixar diminuirá nossos problemas, a separação é em si a grande causadora da maioria das grandes guerras da humanidade.

Historicamente dominantes estão confortáveis em não repensar seu local de dominação, não repensar suas políticas e como são beneficiados, seja pela economia, acesso à educação ou cultura, quando estas existem em detrimento de muitos. E dominados são encorajados a alcançarem a posição de seus chefes, líderes com a promessa da felicidade, sem contrastá-la com a realidade que se impõe, a eterna posição de subsistência ao qual são colocados.

O importante, por isto mesmo, é que a luta dos oprimidos se faça para superar a contradição em que se acham. Que esta superação seja o surgimento do homem novo - não mais opressor, não mais oprimido, mas homem libertando-se. Precisamente porque, se sua luta é no sentido de fazer-se Homem, que estavam sendo proibidos de ser, não o conseguirão se apenas invertem os termos da contradição. isto é, se apenas mudam de lugar nos pólos da contradição. (FREIRE, 2005, p. 480).

A libertação que aqui se fala, ou emancipação, combate justamente a separação, pois cria uma realidade onde não há opressores nem oprimidos, onde os homens são livres. O pensamento crítico é a capacidade política de se posicionar no mundo, entendendo os processos de opressão e por isso os combatendo. É um plano de ação que precisa ser pensado por quem vive a opressão, pois só assim, tomando consciência de sua condição, é possível entender o ciclo de poderes envolvidos, e desvincular a violência de uma ação que acontece de baixo para cima, já que na realidade esta acontece de cima para baixo.

Como estabelecido inicialmente, o objetivo deste artigo é refletir sobre o poder e sua manifestação nas estruturas de dominação e subordinação de classes. Trata-se de um pensamento sobre os reflexos das imposições sociais e como mesmo uma aparente ruptura pode, na verdade, esconder a perpetuação de um conceito já naturalizado. Questionamos os limites desta naturalização, principalmente quando se trata da ideia da violência desvinculada da ação de uma hegemonia. O filme *Coringa* e sua repercussão são as bases pelas quais trabalhamos estes conceitos e elencamos os símbolos.

---

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico, 1989. Disponível em:

<https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/06/BOURDIEU-Pierre.-O-poder-simb%C3%B3lico.pdf>

BAUMAN, Zygmunt. O mal-estar da pós-modernidade. Tradução: Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama; Revisão Técnica: Luís Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1988

CORINGA. Direção: Todd Phillips. Produção: Todd Phillips, Bradley Cooper e Emma Tillinger Koskoff. Roteiro: Todd Phillips, Scott Silver. Distribuição: Warner Bros. Pictures, 2019.

ECO, UMBERTO; Apocalípticos e integrados (1993) - Editora Perspectiva SA

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO - Coringa sai às ruas em protestos pela América Latina. Disponível em:<

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/10/coringa-sai-da-tela-para-as-ruas-em-protestos-pela-america-latina.shtml> > acesso em: Março de 2020.

O GLOBO - Coringa vira símbolo de mudanças sociais em protestos pelo mundo. Disponível em: <

<https://oglobo.globo.com/cultura/coringa-vira-simbolo-de-mudancas-sociais-em-protestos-pelo-mundo-1-24067891> > acesso em: Março de 2020.

ROLLINGSTINES (UOL) - Manifestantes no Líbano usam maquiagem do Coringa para protestar contra Governo. Disponível em: <

<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/manifestantes-no-libano-usam-maquiagem-do-coringa-para-protestar-contr-governo/>> acesso em: Março de 2020.